

## CORRESPONDENCIA

*A Jamaica abole a "lepra":* "Conseguimos substituir a velha terminologia por "Doença de Hansen" no meio médico da Jamaica. O Ministério da Saúde está usando agora esta nova terminologia. Em consequência, nosso departamento é conhecido como Unidade de Controle da Doença de Hansen. Agradar-lhe-á saber que o velho e obsoleto Lar Hansen vai ser substituído por uma Unidade Dermatológica em um grande Hospital Geral de Spanish Town. Desse modo, o velho dá lugar ao novo, gradativamente."

OLIVER W. HASSELBLAD  
Kingston, Jamaica

*Campanha contra o leprostigma na Romênia*  
"Tive a feliz oportunidade de ler os dois últimos números de sua revista, na Biblioteca Médica da Faculdade de Medicina de Bucareste. Julguei-os fonte valiosa de informação e estou certo de que preciso dessa revista para o ensino e para minha informação pessoal".

"Concordo com seu ponto de vista relativo à doença de Hansen. Farei o melhor possível para combater o Leprostigma, por meio de palestras e artigos na imprensa médica e leiga de nosso país. Embora seja de país não- -endêmico, concordo com a fundação do Colégio de Hansenologia. Já mandei o cupão para o Dr. Azulay, do Rio de Janeiro".

"Ficaria muito grato e apreciaria muito receber suas importantes publi-

cações sobre a doença de Hansen em nossa Clínica".

EMIL TOMA  
Clínica de Doenças Infecciosas e  
Tropicais  
Hospital "V. Babes"  
Bucareste, Romênia

*Semeadura na Itália:* "Aproveitando as férias (\*) estou semeando por toda parte suas idéias contra o leprostigma. Falei primeiro para uma platéia seleta, num centro cultural da cidade de Pistoia. Desde então recebi uma série de convites por parte de 20 paróquias, 15 grupos juvenis, 6 escolas superiores, duas estações de TV, um jornal, um hospital de Pistoia, outro de Florença. Distribuí 20.000 cópias de um documento que escrevi sobre o assunto."

"Não sei qual será o resultado de tudo isso, mas a semeadura foi feita e está encontrando boa acolhida".

Padre UMBERTO GUIDOTTI  
Manaus, Amazonas

*Um apelo irrecusável:* "Espero que mais e mais países compreendam e ponham em prática com urgência o apelo que o senhor vem fazendo desde há muitos anos em favor de uma educação adequada, pela qual possam os".

doentes libertar-se do estigma da 'lepra'. Seu apelo é irrecusável e indispensável para que tenham bom êxito as demais medidas de prevenção".

MOACIR TEIXEIRA PINTO  
Curitiba, PR., Brasil

"*Torcendo*" contra o leprostigma: "Estou acompanhando sua cruzada contra o 'leprostigma' e a favor da reabilitação social do hanseniano. Essa santa batalha encontra em mim entusiástico torcedor".

GIOVANNI BARUFFA  
Faculdade de Medicina de Pelotas  
Rio Grande do Sul — Brasil

*Aula sobre um neologismo*: "Sou professor de português, no ginásio católico, 2.º ciclo, em Diamantina. Tomei conhecimento de suas publicações sobre a substituição da horripilante palavra 'lepra' pelo termo 'hanseníase'. Vou dar aula sobre a necessidade do neologismo".

Padre J. LAGO DA ROCHA  
Diamantina — Minas Gerais  
Brasil

*Cancellare le parole "lebbra" e "lebbroso"*: "Ho letto la lettera dei componenti della Missão Pistoia di Manaus scritta per la Pentecoste 1979 e concordo con tutti gli appelli indicati (cancellare le parole 'lebbra' e 'lebbroso' e adottare le parole 'Hanseniasi' o 'morbo di Hansen')".

FABIO FIRENZUOLI  
Florença, Itália

"*Hanseniasi*", una malattia come le altre: "Concordiamo con la lotta per abolire la parola "lebbra", che espone in malato all'infamia ed alla espulsione dalla

società, e fare della 'Hanseniasi' una malattia come le altre".

5.664 cartas

Pistoia e Florença, Itália

*Promisorios avances*: "Acudiendo al llamado de estas revistas deseo ser incluido como miembro fundador del Colegio de Hansenología de Países Endémicos, institución que estaba en mora de crearse y cuya brillante formación iniciada por el Grupo Brasileno, da la garantía de contar con un futuro lleno de promisorios avances en el conocimiento, investigación y tratamiento de este tremendo flagelo."

J.V. CHAPARRO  
Cali, Colombia

*Pobreza, pior que estigma*: "Como V. acentua, a Educação em Saúde é o único caminho para controlar a Hanseníase e esse é processo particularmente lento e contínuo. Em nosso país, principalmente nas áreas rurais, em que a doença é mais prevalente, o estigma social é mal menor, quando comparado à indiferença de muitos pacientes. Esta, por sua vez, é devida à extrema pobreza e ao medo de perder os salários diários, para fins de consulta ou tratamento."

K. S. ANANDA KUMAR  
Anantapur, Índia

*Hanseníase não é "lepra"!*: "No curso realizado em Piracicaba de 7 a 11 de fevereiro, apresentei este cartaz para justificar sua campanha. Uma funcionária graduada, da DRS-5, pronunciou estas palavras: 'Agora entendo porque hanseníase não é lepra'. Acreditando que o cartaz é sugestivo e claro, tenho o prazer de oferecer-lhe minha contribuição."

ROBERTO BITTENCOURT  
Centro de Saúde III — Casa Branca  
São Paulo, Brasil

*La lotta contro l'ignoranza:* "Sono d'accordo che la 'Hanseniasi' sia una malattia come tutte le altre e perch!, io mi faró partecipe per la divulgazione di questa lotta contro l'ignoranza e la superstizione che c'e intorno a questa malattia della pelle".

STEFANO ULIVI  
Pistoia, Italia

*Il coraggio di farsi curare:* "Sono pienamente d'accordo con voi con it cambiare nome a questa malattia. Forse le famiglie che hanno questo morbo potranno avere it coraggio, finalmente, di farsi curare".

FRANCESCA GIUSTI  
Pistoia, Italia

*Palavras animadoras do Presidente do Congresso do México:* "Agradeço ao Dr. Cássio M. de Carvalho ter compreendido as razões que me forçaram a deixar o corpo editorial de "Hanseniologia Internationalis". Contudo, espero que V. S. publique esta carta para que eu possa continuar cooperando na luta contra o leprostigma."

"Creio que todos aqueles que têm lutado contra a aplicação do degradante pejorativo "lepra" a seres humanos deveriam animar-se e alegrar-se com o discurso do Professor Latapí, inaugurando o XI Congresso Internacional de Lepra, Cidade do México, 1978. Pela primeira vez, oficialmente e perante grande e distinto público, que incluía o Presidente do México, esses lutadores foram classificados como "pessoas de boas intenções" (Internat. J. Leprosy, 47 (n.º2, supl.): 259, 1979) e não como 'impostores', tapeadores' ou 'bobos', como de hábito. O fato de terem eles sido também considerados 'ingênuos' não deve deprimi-los. A História está cheia de 'ingênuos' que contribuíram para o progresso."

"Ingênuo eles certamente demonstraram ser, tentando conseguir o apoio dos desenvolvidos países não-endêmicos de língua inglesa e francesa na campanha contra o velho pejorativo causador de tão grande sofrimento social, psicológico e médico nas subdesenvolvidas e endêmicas áreas de línguas portuguesa e espanhola. Os "inválidos" holandeses podem ser, hoje, os respeitados "Gehandikaptten" e o termo 'neurótico' pode ser hoje tabu para a Academia Americana de Psiquiatria ; as velhas e infamantes 'venéreas' podem mudar, num piscar de olhos, para 'sexualmente transmissíveis', para não ofender as grandes massas 'sexualmente permissivas' do Atlântico Norte. Mas o esforço para banir o termo mais degradante de todos os tempos e `para promover modificações culturais e sociais no Brasil', espanta um antigo editor do International Journal of Leprosy (Leprosy Rev. 44:94-95, 1973). Só mesmo a ingenuidade poderia explicar esse esforço."

"Pedir a influentes associações beneficentes do Atlântico Norte que ponham em perigo suas finanças abandonando o degradante pejorativo 'lepra', por elas admitido como estigmatizante, ignominioso e repugnante — e fator de disseminação da doença na subdesenvolvida América Latina — mas 'essencial para angariar donativos' (Leprosy Review, 44:70-74, 1973), é, seguramente, sintoma claro de séria e incurável ingenuidade."

"Entretanto, devo discordar do Prof. Latapí quando diz que nada se ganharia com a mudança do nome', criticando publicamente a nova política desestigmatizante do Brasil, Portugal e Bolívia, adotada após o colossal fracasso das prévias tentativas de educar com ofensivos "rótulos de potência primária". Mudanças de nomes funcionam inúmeras vezes, como bem sabido por todos os que militam na comunicação de massa. Como exemplo, "cuando los

dispensarios (Mexico) se llamaban 'anti-leprosos', nadie acudia, ni enfermos ni sanos, por su gusto, cuando mucho los llevaban, y ni los médicos querian acercarse en ocasiones'. 'No es necesario que el médico pronuncie la palabra que no gusta, se puede entender bien con el paciente de otro modo' (Latapí, "Manejo del enfermo de lepra". *Dermatologia (Mexico)*, 10(2): 168-174, 1962.) "

"Os defensores da terminologia moderna poderão ter esperanças de que o Prof. Latapí confirme seus pontos de vista passados e ofereça sua valiosa contribuição para apagar "o mais negativo dos termos médicos" (Rolston & Chesteen) "

A. ROTBERG  
São Paulo, Brasil